

Autarquia homenageia pescadores tavirenses

António José Salvé-Rainha, Belarmino António dos Santos Viegas, Joaquim Manuel Jesus, José Liberto Pereira Campos e Rui da Conceição Machado foram os pescadores homenageados nas comemorações do Dia Nacional do Pescador, promovidas pela Câmara Municipal de Tavira, no passado dia 11 de Junho.

António José Salvé-Rainha, pescador homenageado da freguesia de Santa Luzia, nasceu no dia 24 de Fevereiro de 1935, nesta vila piscatória.

Iniciou a sua lide marítima aos 12 anos de idade, com o seu pai. Casou aos 21 anos com Paulina Rosa Pereira, com quem teve quatro filhos, dois rapazes e duas raparigas.

Já com a família constituída, habilitou-se com a Carta de Arrais, comprou uma lancha e na companhia de outros camaradas, fez-se ao mar, tanto à vela, como a remos.

Aos 26 anos, aventurou-se na dura pesca do bacalhau nos gélidos mares da Gronelândia. Andou nos Dóris a pescar o bacalhau à linha, durante dois anos, no navio Capitão João Vilarinho.

Regressado dos perigos da pesca do bacalhau, com 28 anos, emigrou para África do Sul. Residia na Cidade do Cabo e trabalhava num arrastão espanhol na Namíbia. Também andou na pesca de lagosta e sardinha.

Trabalhava activamente durante seis meses, sendo de defeso obrigatório das espécies os restantes seis meses do ano, altura em que aproveitava para fazer algumas murejonas para apanhar peixe e aventurar-se na pesca no mar da África do Sul.

Passados três anos regressa a Santa Luzia e dedica-se à pesca do polvo com alcatruzes. Aos 36 anos de idade volta a partir, desta vez para Angola, a bordo do arrastão “Praia de Ericeira”, mas por poucos meses.

Em 1969, quando regressa, definitivamente, à sua terra natal, integra a Comissão de Mordomos da Festa de Santa Luzia, distinção reservada somente aos mestres e donos de embarcação.

Após a revolução de 25 de Abril de 1974, altura em que os Comandantes de Porto foram exonerados das Casas dos Pescadores, integrou, por dois anos, uma “Comissão Administrativa” na qualidade de tesoureiro.

Há dois anos que a legislação em vigor não lhe permite voltar a navegar fora da barra. Assim, aos 74 anos de idade deixa, definitivamente, de andar ao mar.

Em terra, preenche os seus dias a fazer murejonas, a conversar com turistas curiosos e jornalistas interessados nas lides da pesca.

Belarmino António dos Santos Viegas, pescador homenageado da freguesia de Santa Maria, nasceu no dia 12 de Maio de 1938, em Santa Luzia.

Com três meses de idade foi viver para Ayamonte com os seus pais, onde permaneceu durante 12 anos.

Regressou ao seu país com 15 anos e a vontade de enfrentar o mar levou-o a fazer parte das campanhas dos barcos à vela que se dedicavam à sacada e à sardinha.

Em Agosto de 1956 obteve a cédula marítima e ficou registado na Capitania do Porto de Tavira.

De Tavira partiu aos 18 anos para tentar a sua sorte em Kenitra, Marrocos, onde permaneceu cerca de quatro “longos” meses, tendo como habitação apenas o barco, onde comiam, dormiam e trabalhavam.

A partir de 1958, andou nas Traineiras de Vila Real de Santo António, e não esquece a “São Domingues”, da qual partiu rumo a Matosinhos, porém, devido à aterradora Gripe Asiática, regressou a Tavira passados três meses.

No dia 25 de Maio de 1958, com apenas 20 anos, casou com Maria José Messias Martins.

Nos anos de 1959 e 1960 cumpre o serviço militar em Estremoz e no ano seguinte tenta a pesca da lagosta na Zambujeira do Mar. Regressa da Costa Alentejana e participa na armação do atum, no Arraial Ferreira Neto.

Em Novembro de 1964 obtém a Carta de Arrais de Pesca Costeira e a partir desta altura é convidado pelos armadores da época para desempenhar funções de Mestre de Embarcação.

Em 1970 compra a sua primeira embarcação, à qual atribui o nome da sua filha mais nova “M.^a Artemisa”.

Em 1996, depois de ter enfrentado muitas tempestades e bonanças, anos de luta no mar e em terra, Belarmino deixa o mar.

Durante 25 anos foi sócio-gerente de uma empresa de transportes fluviais “Belarmino Viegas & Jacinto Madeira, Lda.”.

Foi no mar que se realizou, foi no mar que se notabilizou, foi no mar que ganhou o sustento da sua família. É com a pesca e com os pescadores que se identifica. É das suas histórias como pescador que gosta de recordar e falar.

Joaquim Manuel Jesus, pescador homenageado da freguesia de Santiago, nasceu no dia 3 de Junho de 1940.

Com 13 anos tirou a cédula marítima e iniciou a sua vida no mar na embarcação “Solita”, na arte dos alcatruzes, sacada, bem como na pesca da sardinha.

Com 20 anos de idade, integrou a Traineira e Flor do Sul Florita, da companhia Balsense, onde pescava sardinha, biqueirão e cavala.

Comprou embarcação própria aos 27 anos e dedicou-se somente à pesca de bivalves durante vários anos. No ano de 1969 emigrou para a Alemanha, onde esteve até 1974. Ano em que regressou a Portugal e adquiriu a embarcação “Jesus”, dedicando-se à pesca de redes de estremalho e de amanho.

Em 1975, com 35 anos, foi delegado Sindical da Previdência da Mútua dos Pescadores, função que desempenhou até meados dos anos 80, sendo-lhe reconhecido um elevado espírito defensor e uma voz forte e representativa na comunidade piscatória tavirense.

Algum tempo depois vendeu a embarcação “Jesus” e comprou a “Lozarela”, a qual naufragou na Barra de Tavira durante uma tempestade, felizmente, todos os tripulantes foram salvos por um nadador salvador da cidade.

Decorriam os anos 80 quando Joaquim Manuel Jesus findou a sua actividade como pescador e dedicou-se à restauração. Actualmente encontra-se reformado.

José Liberto Pereira Campos, pescador homenageado da freguesia da Luz de Tavira, nasceu no dia 9 de Janeiro de 1956. É natural da freguesia de Santiago e reside no Sítio do Pinheiro na Luz de Tavira.

Tirou a cédula marítima na Capitania do Porto de Tavira, no dia 10 de Agosto de 1976, ano em que iniciou a sua actividade como pescador.

Passados dois anos, em 1978, integra a embarcação “O Cherne” em Marrocos, na pesca do anzol. Neste mesmo ano embarca no “Lila” nos Açores.

Entre os anos de 1979 e 1984, volta novamente para Marrocos e embarca, também, na Mauritânia.

No final de 1984, em Marrocos, já na embarcação “Irmão Carlos”, é vítima de um naufrágio no cabo Bojador, do qual não resultaram vítimas.

Sempre na Pesca do Anzol, José Liberto continuou a desempenhar a sua lide na costa marroquina até 1993, ano em que regressa a Portugal e se dedica à restauração na “Marisqueira Fialho, actividade que se prolongou durante três anos.

Entre 1997 e 1999, explorou o Café Conchinhas, na Luz de Tavira.

Desde 2001 que se dedica à pesca do polvo e da pescada na costa portuguesa, integrando, actualmente, a embarcação “Pedro Henrique”, de Tavira.

Rui da Conceição Machado, pescador homenageado da freguesia de Cabanas de Tavira, nasceu em 1938 na cidade de Tavira, mais propriamente na freguesia de Santa Maria.

Filho de pescador, cedo as circunstâncias da vida o encaminharam para a mesma actividade do pai. Com 12 anos de idade entrou para a Escola de Pesca, onde permaneceu até aos 16 anos. A partir dessa idade começou a andar ao mar, em Cabanas, na lida da sacada.

Aos 18 anos começou a participar como pescador activo na pesca do atum, fazendo, durante 7 anos, campanhas à Armação da Abóbora. Repartia, nesse período, a sua actividade profissional entre a pesca do atum (de verão, em Cabanas) e a sacada (de inverno, em Tavira).

Mas foi em Cabanas que se apaixonou, casou, e criou as suas raízes.

Rui da Conceição Machado, lembra uma das piores situações que passou, quando, no mês de Janeiro, em pleno mar de Espanha, caiu à água com roupa de oleado e botas calçadas, valendo-lhe o facto de ser um excelente nadador, o que lhe permitiu, rapidamente, alcançar a embarcação.

O Rui Balau, nome pelo qual ainda hoje é conhecido pelos muitos amigos, que com facilidade fazia, era um homem animado e talhado para a brincadeira. Gostava, por isso, de dar o seu contributo nas iniciativas que estivessem ao seu alcance.

Animado por esse espírito, participou em comissões de Festas dos Pescadores; foi membro da direcção do Clube Recreativo Cabanense; jogou futebol na equipa da terra e em Tavira; fez parte do rancho de Cabanas e Conceição durante mais de trinta anos e praticou petanca.

Aos 65 anos atingiu a idade da reforma no regime geral, no entanto optou por continuar a andar ao mar até aos 67 anos, altura em que se viu obrigado a abandonar, porque a vista lhe ia faltando de forma galopante.

No(p)Tj 6.12366 0 Td (a)Tj 6.12366 0 Td (n)Tj 6.00359 0 Td (t)Tj 3.12187 0 Td (e)Tj 6.12366 0 Td (.)Tj 3.0